



EMPODERAMENTO DAS AGRICULTORAS INTEGRANTES DA REDE MÃOS À HORTA, RIO POMBA/MG

*Karolina Batista de Souza
Emi Rainildes Lorenzetti*
Gilson Soares Toledo
Carlos Miranda Carvalho*

RESUMO

A pesquisa buscou entender as relações de gênero que ocorrem na vida das mulheres agricultoras que pertencem à Rede de Prossumidores Mãos à Horta. Esta Rede é uma forma de comercialização alternativa de produtos agropecuários da cidade de Rio Pomba - MG, baseada nos princípios da economia solidária e no fortalecimento da agricultura familiar local em transição agroecológica, visando a produção de alimentos livres de agrotóxicos. Gênero refere-se às diferenças socialmente construídas em atributos e oportunidades associadas com o sexo feminino ou masculino, e as interações e relações sociais entre homens e mulheres. Para analisar se há empoderamento, utilizou-se a perspectiva de empoderamento privado (conquistado pelo indivíduo) e empoderamento público (conquistado coletivamente). Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, com perguntas abertas e fechadas, tendo sido elaborados dois modelos de entrevista buscando-se traduzir os objetivos da pesquisa. A entrevista A foi direcionada às mulheres e a entrevista B foi direcionada aos agricultores, esposos dessas mulheres. Os dados quantitativos foram transformados em gráficos e tabelas, e as entrevistas foram gravadas com o auxílio de equipamento apropriado, sendo posteriormente transcritas. Os dados obtidos foram relacionados à teoria, caracterizando uma abordagem descritiva-explicativa. A análise desses resultados permitiu a conclusão de que há empoderamento privado por parte dessas mulheres, entretanto não foi possível concluir o mesmo sobre o empoderamento público.

Palavras-chave: Economia solidária. Produtos agroecológicos. Emancipação feminina.

EMPOWERMENT OF WOMEN FARMERS MEMBERS TO NETWORK "MÃOS À HORTA", RIO POMBA/ MG

ABSTRACT

The research sought to understand gender relations that occur in the women lives farmers that prosumers belong to Network "Mãos a Horta". This Network it is an alternative form of marketing of Rio Pomba - MG agricultural products, based on solidarity economy principles and strengthening of local family farmers in agroecological transition aimed at

* Doutorado em Agronomia (Fitopatologia) (UFLA). Departamento de Agricultura e Ambiente, Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, Rio Pomba, MG. Contato: elorenzetti@gmail.com.

producing foods free of pesticides. Gender refers to the socially constructed differences in attributes and opportunities associated with the female or male, and the interactions and social relations between men and women. To analyze whether there is empowerment, we used the prospect of private empowerment (won by the individual) and public empowerment (collectively won). Semi-structured interviews with open and closed questions, interview two models being developed seeking to translate the objectives of the survey were used to collect data. The interview was directed at the women. The interview B was directed to farmers, spouses of these women. Quantitative data were transformed into graphs and tables, and the interviews were recorded with the aid of suitable equipment, and later transcribed. The data obtained were related theory, featuring an explanatory descriptive approach. The analysis of these results led to the conclusion that there are private by empowering these women, but we could not conclude the same about public empowerment.

Keywords: Solidarity economy. Agroecological products. Female emancipation.

EMPODERAMIENTO DE LAS MUJERES CAMPESINAS MIEMBROS DE LA RED “MÃOS À HORTA”, RIO POMBA/MG

RESUMEN

La investigación trató de entender las relaciones de género que se producen en la vida de las mujeres campesinas pertenecientes a la Red de Prosumidores “Mãos à Horta”. Esta red es una forma alternativa de comercialización de productos agrícolas de la ciudad de Río Pomba - MG, con base en los principios de la economía solidaria y el fortalecimiento de las familias de agricultores locales en transición agroecológica, destinadas a la producción de alimentos libres de pesticidas. El género se refiere a las diferencias socialmente construidas en los atributos y oportunidades asociados al sexo masculino o femenino, y las interacciones y relaciones sociales entre hombres y mujeres. Para determinar si hubo empoderamiento, se ha utilizado la perspectiva del empoderamiento privado (ganado por el individuo) y del empoderamiento público (ganado colectivamente). Para la recolección de datos se han utilizado las entrevistas semiestructuradas, con preguntas abiertas y cerradas; dos modelos de entrevista han sido preparados a fin de traducir los objetivos de la investigación. La entrevista A ha sido dirigida a las mujeres. La entrevista B ha sido dirigida a los agricultores, los maridos de esas mujeres. Los datos cuantitativos han sido procesados en gráficos y tablas, y las entrevistas ha sido grabadas con la ayuda del aparato adecuado, y posteriormente transcritas. Los datos obtenidos han sido relacionados con la teoría, lo que caracteriza un enfoque descriptivo-explicativo. El análisis de esos resultados permitió concluir que hubo empoderamiento privado por esas mujeres, sin embargo no ha sido posible concluir lo mismo acerca del empoderamiento público.

Palabras clave: Economía Solidaria. Productos agroecológicos. La emancipación femenina.

INTRODUÇÃO

Desde as suas origens, a história da agricultura se confunde com a história dos povos e a sua organização em sociedades ([CAPORAL et al., 2009](#)). De acordo com esses autores a própria palavra “agri-cultura” remete a uma percepção de sistemas biológicos em interação com manifestações culturais, que além de tratar de processos naturais, trata de processos socioculturais, de uma construção humana.

Entretanto, observa-se, na maioria das sociedades diferenças e desigualdades entre mulheres e homens nas funções e responsabilidades atribuídas, acesso e controle dos recursos, bem como oportunidades de tomada de decisão. De acordo com [Scott \(1995\)](#) essas diferenças percebidas entre os sexos, como também a forma de significar as relações de poder é compreendida como gênero.

Segundo [Siliprandi \(2007\)](#) a agroecologia busca criar relações sociais mais igualitárias, contrapondo-se à naturalização da situação de opressão das mulheres na sociedade, se aproximando das políticas que promovem a igualdade de gênero, e tornando visível o trabalho desenvolvido pelas mulheres, que é fundamental para a sustentabilidade e para a reprodução familiar.

Dentro desse contexto de fortalecer e tornar visível o importante trabalho que a mulher executa, surge o termo empoderamento, que de acordo com [Prá \(2014\)](#) mantém uma relação estreita com as noções de poder e influência. Essa autora considera que, no caso das mulheres, o empoderamento é a emancipação feminina, visto como pré-requisito para a obtenção da equidade entre os gêneros e como condição prévia da igualdade entre homens e mulheres.

[Azevedo \(2012\)](#) buscou investigar, em sua pesquisa relacionada aos desafios para o empoderamento das agricultoras barbacenenses, a partir do programa de aquisição de alimentos (PAA), a relação do poder, abordada em duas correntes teóricas distintas. Uma relaciona o poder conquistado pelo indivíduo e a outra o empoderamento coletivizado, pois considera que as mulheres tornam-se empoderadas através da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais. A autora criou uma tipologia ao dividir essas correntes, transformando-as em dimensões, para posteriormente aferir variáveis para embasar a sua discussão.

No presente trabalho serão utilizadas essas duas perspectivas de empoderamento e suas dimensões, assim como fez [Azevedo \(2012\)](#). As dimensões e variáveis do empoderamento individual e coletivizado foram adaptadas a partir da autora. A seguir, demonstra-se como serão utilizadas neste trabalho:

- Dimensão privada: é estabelecida no âmbito familiar. Suas variáveis são: níveis de escolaridade, tomada de decisões junto à família, poder de decisão na educação dos filhos, controle contraceptivo e valorização da mulher pela família.
- Dimensão econômica: poder de decisão no uso de recursos, renda própria, renda familiar.
- Dimensão política: participação em instituições de representação coletiva, tipo de organizações de que participa.
- Dimensão social: acesso às políticas públicas, em especial às direcionadas para o campo.

Há uma outra dimensão analisada na presente pesquisa, que aqui é tratada como dimensão ambiental, que será utilizada para aferir o nível de aproximação da mulher com os aspectos relacionados ao uso dos recursos naturais. As variáveis são conhecimento de práticas agrícolas, conservação da biodiversidade e uso de tratamentos alternativos para as enfermidades da família e dos animais. Dentre as variáveis consideradas para o trabalho, serão focadas as de maior destaque no contexto proposto.

Neste contexto foi foco do estudo em questão a Rede de Prossumidores Mãos à Horta. Esta rede teve início do ano de 2014, a partir do esforço de estudantes do curso de Bacharelado em Agroecologia do Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais – Câmpus Rio Pomba. O projeto em questão é apoiado pela Diretoria de Extensão e pelo Departamento de Agricultura e Ambiente da mesma Instituição, e visa à união dos produtores e consumidores de Rio Pomba – MG.

Trata-se de uma forma de comercialização alternativa de produtos agropecuários da cidade de Rio Pomba, baseada nos princípios da economia solidária e no fortalecimento da agricultura familiar local, em transição agroecológica, visando à produção de alimentos livres de agrotóxicos. A organização, coordenação e assistência técnica básica da rede é feita pelos estudantes e professores da Instituição de ensino. A relação de “prossumidores” implica numa ruptura com a clássica dicotomia entre produção e consumo característica da lógica capitalista de organização ([FRANÇA FILHO, 2007](#)).

Além de feiras semanais, mensalmente são realizados encontros entre os “prossumidores”, propiciando um espaço de integração entre estes, possibilitando a construção de saberes para a transição agroecológica. A rede contava, em 2014, com 13 propriedades que produziam esses alimentos, e uma média de 80 consumidores cadastrados.

Devido à importância dessas iniciativas, para o fortalecimento da agroecologia e agricultura familiar do município, torna-se importante observar e entender como as relações de gênero estão sendo construídas. [Gouveia \(2003\)](#) enfatiza que se o patriarcado é o sistema que legitima a opressão e exploração das mulheres, a agricultura familiar, ao se organizar a partir desse sistema, reproduz e perpetua tal exploração e opressão.

Assim, buscou-se aqui estudar a situação vivenciada pelas mulheres agricultoras pertencentes à Rede de Prossumidores Mãos à Horta, sendo o objetivo principal da presente pesquisa analisar as condições de empoderamento privado e público dessas mulheres.

MATERIAIS E MÉTODOS

O universo adotado para a pesquisa foram as unidades familiares cadastradas na Rede de Prossumidores Mãos à Horta, no município de Rio Pomba - MG. Como citado anteriormente, em 2014 havia 13 propriedades cadastradas na Rede. Esse cadastro refere-se ao controle realizado por parte dos membros organizadores do trabalho. Logo, das 13 propriedades registradas, em 7 as mulheres estão diretamente envolvidas na cadeia produtiva, sendo estas 7 selecionadas para a realização do trabalho, considerada como população total.

Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, constituídas de perguntas abertas (discursivas) e fechadas. Para tal, foram elaboradas duas entrevistas buscando-se traduzir os objetivos da pesquisa. A entrevista A, foi direcionada

às mulheres agricultoras, sendo 7 no total. A entrevista B, foi direcionada aos agricultores, esposos dessas mulheres, com o intuito de compreender pelo olhar deles as questões levantadas no presente trabalho, somando-se também 7 homens.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa baseada nas diretrizes do método observacional, no qual o ver e o escutar constituem o método fundamental da investigação. De acordo com [Marconi e Lakatos \(2010\)](#), este método é aplicado quando se propõe entender de maneira mais profunda e específica o que se quer investigar.

A aplicação das entrevistas foi realizada entre os dias 18 e 26 de outubro de 2014. A participação das mulheres e dos homens foi voluntária, mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram gravadas com o auxílio de equipamento apropriado, sendo posteriormente transcritas. Para preservar a identidade dos entrevistados tanto nas transcrições como neste trabalho, eles não são identificados por nome completo, apenas pelas iniciais.

O processamento dos dados foi realizado via análise de ordem comparativa entre as entrevistas A e B e a análise em separado da entrevista A (mulheres), relacionando entre si os dados empíricos e a teoria, caracterizando uma abordagem descritivo-explicativa.

Os dados quantitativos foram transformados em gráficos e tabelas com a finalidade de facilitar a compreensão do conteúdo das entrevistas, identificando os temas significativos que emergiram das falas das mulheres e dos homens.

Por uma questão didática, serão tratadas cada uma das dimensões propostas de maneira separada, contudo, muitos aspectos tratados se complementam, visto que o questionário não distinguia cada uma das dimensões adotadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Empoderamento na dimensão privada

Através da Tabela 1 percebe-se que as mulheres inseridas na Rede Mãos à Horta são mais jovens comparadas aos homens. A maioria dos produtores (as) inseridos na rede possuem, em sua maioria, de 40 a 70 anos de idade, o que pode evidenciar um envelhecimento da população do espaço rural, provocado pelo êxodo rural que ocorre no Brasil, por motivos diferenciados desde os séculos XIX e XX ([CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998](#)).

Tabela 1. Faixa Etária dos Entrevistados, Mulheres e Homens (%).

	Faixa Etária dos Entrevistados	
	Mulheres	Homens
20-30 anos	14,28%	0%
30-40 anos	14,28%	14,28%
40-50 anos	28,57%	28,57%
50-60 anos	0%	14,28%
60-70 anos	42,85%	42,85%

Observa-se uma mudança nos perfis de ocupação dos espaços rurais, com uma tendência ao uso da propriedade rural apenas como moradia e espaço de lazer, não como unidade produtiva, esvaziando o campo principalmente pelos jovens, que buscam

condições à sua sobrevivência no espaço urbano ([CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998](#)). Tal fato é notável na região de Rio Pomba, considerando o número de propriedades cujos proprietários habitam na cidade e o grande número de áreas produtivas arrendadas, observado no decorrer das visitas realizadas para a realização das entrevistas.

Os resultados demonstram que o nível de escolaridade por parte das mulheres é maior, das quais 14,29% possui nível superior e nenhuma é analfabeta. Dos homens, 28,57% são analfabetos e 57,14% não possuem nem o ensino médio. Isto se reflete em 42,8% das propriedades nas quais as mulheres são as únicas responsáveis pela leitura e interpretações de documentos; no restante, em 48,2% dos casos, os dois realizam a atividade conjuntamente.

[Azevedo \(2012\)](#) analisou como a melhoria da educação interfere na vida da mulher rural, e apesar de sua pesquisa ter obtido resultados diferentes desta, ela referencia o trabalho de [Stropasolas \(2004\)](#), que conclui que a educação é capaz de gerar empoderamento às mulheres, pois amplia os horizontes em múltiplos aspectos: nos seus conhecimentos acerca da fecundidade, no planejamento familiar, na redução da taxa de mortalidade infantil, além do que o uso social da leitura e da escrita possibilitam a compreensão e a interpretação de documentos, e também o acesso à informação escrita via jornais, informativos, dentre outros.

Uma das variáveis propostas por [Azevedo \(2012\)](#) para aferir se existe empoderamento privado é o controle contraceptivo, pois significa o poder de tomada de decisão em relação ao planejamento familiar e por tratar-se do controle do próprio corpo, da sexualidade e da reprodução. Os resultados mostraram que 28,57% utilizam métodos de controle de natalidade e em 57,14% dos casos, as mulheres não necessitam mais do uso de contraceptivos. Tal fato pode ser explicado pela idade das entrevistadas, que em sua maioria não podem mais engravidar e já possuem filhos. Em apenas um caso, a entrevistada não utiliza método contraceptivo e nunca engravidou.

Já sobre o planejamento do nascimento dos filhos, 71,4% das mulheres planejaram conjuntamente com o esposo, mostrando a busca por cooperação desses casais, em prol de um interesse comum, não havendo imposição por nenhum dos membros.

Os entrevistados, homens e mulheres, foram questionados se acreditavam haver papéis diferenciados na educação dos filhos, e 85,7% das mulheres também responderam que a educação é conjunta, resposta compartilhada por 71,4% dos homens. As falas transcritas a seguir demonstram como os entrevistados que não estão nos percentuais acima pensam sobre a educação dos filhos:

A mãe é mais carinhosa, e por estar mais presente, acaba educando mais os filhos. (E.R, 65 anos, casada)

O homem é mais rígido. (G.R, 70 anos, casado)

O homem dá o exemplo e a mulher coordena. (H.M, 55 anos, casado)

Assim como as falas acima citadas, uma pergunta evidenciou a existência de papéis definidos como trabalho de mulher e trabalho de homem. A pergunta foi feita da seguinte forma: Você acha que os maridos devem colaborar com as mulheres nas atividades do lar e no cuidado com os filhos?

A maioria das entrevistadas respondeu que sim (85,7%), entretanto 71,4% delas disseram que o marido não ajuda. As repostas abertas demonstram que elas só acham

que eles devem ajudar quando houver necessidade, ou seja, o trabalho deles é efetivamente fora do lar, evidenciando aí uma clara definição dos papéis.

A existência desses “papéis” reflete a dominação masculina, que se origina historicamente do patriarcado, que são relações hierarquizadas entre os seres humanos com poderes desiguais e, além disso, traz as ferramentas explicativas para as desigualdades transformadas em subordinação das mulheres ([CONTE; FERNANDES, 2010](#)).

Os autores salientam ainda que essa subordinação passou a ser reproduzida por elas mesmas, sem que percebessem e acabou reproduzindo papéis hierarquizados com relação aos gêneros, no qual o sexo feminino fica em desvantagem. De acordo com [Bourdieu \(2002\)](#) este fenômeno ocorre como resultado das relações sociais onde uma estrutura de comportamento leva a estruturação de outras formas de relação social. Este autor define como “habitus” esse tipo de fenômeno, ou seja:

Um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas ([BOURDIEU, 1983, p. 65](#)).

Observando este fenômeno social, tem-se como exemplo uma entrevistada que não concorda que o homem deva ajudar nas atividades domésticas. De acordo com ela:

É atividade de mulher, ele já faz outras, acho que ele já ajuda muito se não atrapalhar o que eu faço. (E.R, 65 anos, casada)

Essa outra fala demonstra que a entrevistada tem consciência da existência desses papéis.

Acho que deve me ajudar se eu tiver muito atarefada... Essa questão é difícil, porque eles são machistas, né? (...) O meu mesmo só faz as coisas da casa quando não estou. (M.B, 67 anos, casada).

No caso dessa entrevistada, em sua propriedade, as atividades são realizadas pelo casal, e ela participa de todas as etapas do processo. Mesmo trabalhando com as atividades relacionadas à produção, a função de organização da casa fica relegada apenas a ela.

De acordo com [Toledo \(2012\)](#) esta situação é perceptível em algumas famílias rurais que foram analisadas na Zona da Mata de Minas Gerais. Segundo este autor, o que se percebe é que devido à dificuldade de se obter mão de obra disponível para os trabalhos, assim como o expressivo volume de trabalho desenvolvido neste espaço, as mulheres muitas vezes não só dividem as tarefas da propriedade com o esposo, como também desenvolvem um certo domínio sobre a administração, apesar de esta dimensão não ser quase nunca notada porque ambos demonstram ser ele, e não ela, o responsável pela condução de todo o processo administrativo da propriedade.

Empoderamento na dimensão econômica

Optou-se nesta seção por destrinchar as relações que ocorrem na cadeia produtiva da unidade familiar como um todo, a participação na renda e nas atividades dos produtos comercializados dentro da Rede de Prossumidores Mãos à Horta.

De acordo com [Souza \(2008b\)](#), muitos estudos que tratam das relações de gênero no campo falam da “invisibilidade” das mulheres do campo. A autora salienta que quando a humanidade caçava e coletava seu alimento, as mulheres eram responsáveis por essa coleta e organização dos espaços habitados, enquanto o homem, devido às guerras intertribais e às habilidades com a caça e a pesca, acabou assumindo os trabalhos que necessitavam de maior força corporal. Nesse período evolutivo, a mulher tinha o intelecto mais desenvolvido e no âmbito coletivo ocupava posição privilegiada e dominante. Além das habilidades desempenhadas, as mulheres eram vistas como “sagradas senhoras da luz e da vida”.

Já na sociedade feudal, havia nitidamente a presença do patriarcado, e nela, a mulher camponesa realizava junto ao homem praticamente todas as tarefas agrárias, sendo responsável pelo cuidado com as aves, com os animais domésticos, pela preparação de alimentos e do vestuário para a família ([SOUZA, 2008b](#)).

A industrialização e a acumulação capitalista ocupou o lugar da economia tradicional de outrora, desenvolvida pela agricultura, mudando drasticamente a organização social, formando os centros urbanos e alterando com isso a realidade do espaço rural também. Atualmente, as mulheres do campo continuam a desempenhar duplamente sua força de trabalho, exercendo suas atividades dentro do que [Souza \(2008b\)](#) chama de âmbito do “espaço-tempo doméstico” e dentro do “espaço-tempo de produção”. E para ela a visibilidade do trabalho da mulher ainda não avançou de forma significativa. Da mesma forma cita [Brumer \(2004, p. 211\)](#):

As tarefas executadas no âmbito da esfera produtiva (produção destinada à comercialização) só são contabilizadas como parte de um esforço coletivo, na maioria das vezes aparecendo apenas como ‘ajuda’; seu trabalho na esfera produtiva permanece praticamente invisível, tendo em vista que é praticado no interior do estabelecimento, sendo os homens praticamente os únicos responsáveis pelos contatos com o exterior (contato com extensionistas, bancos, sindicato, cooperativa, firmas vendedoras de insumos e compradores); elas não detêm o conhecimento tecnológico necessário para administrar o estabelecimento agropecuário; elas não administram os recursos originados com a venda da produção. As atividades executadas preferencialmente por mulheres, crianças e jovens no meio rural caracterizam-se, de um modo geral, por serem relacionadas principalmente à limpeza da terra e colheita, seleção e embalagem dos produtos; ao processamento dos produtos agrícolas; ao cuidado de animais, tais como alimentação, limpeza e ordenha; aos trabalhos da horta, principalmente se seus produtos forem destinados ao consumo da própria família; As mulheres, ainda, responsabilizam-se praticamente sozinhas pelo trabalho doméstico, às vezes auxiliadas pelas filhas.

No Gráfico 1 é analisada a participação dos homens e das mulheres nas atividades da propriedade. O percentual intitulado “não realiza essa atividade” diz respeito às propriedades em que não há plantio e colheita por ser de cunho pecuarista, no qual a alimentação dos animais é comprada.

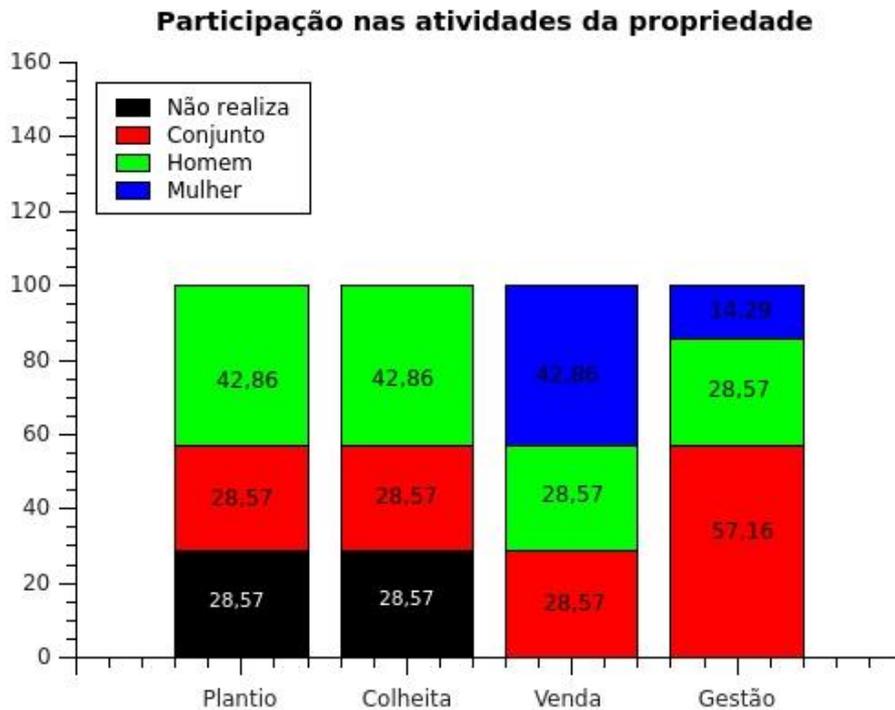


Gráfico 1. Participação dos homens e mulheres nas atividades da propriedade (%).

Em 42,86%, da área de vendas, elas aparecem como únicas responsáveis pela comercialização da produção da propriedade, sem contar a porcentagem das propriedades em que esta é realizada pelos homens e mulheres conjuntamente, o que totalizaria 71,43% contando com a participação feminina na etapa de comercialização. É notável ainda a gestão exercida por 14,29%, na qual apenas a mulher é responsável por gerir a propriedade rural.

Havia nas entrevistas A e B uma pergunta com o objetivo de saber o que os entrevistados homens e mulheres consideravam como potencialidade do trabalho feminino, a fim de contribuir para o fortalecimento da agricultura familiar.

As respostas mais comuns entre as mulheres foram que elas são mais organizadas, comunicativas, e mais habilidosas que os homens podendo inclusive beneficiar os produtos e assim agregar valor aos mesmos. Os homens responderam de forma muito próxima às mulheres, mas acrescentaram que elas são aptas ao trabalho com pequenos animais, além de fazer a limpeza e cuidar da cozinha.

De acordo com [Toledo \(2012\)](#), estes atributos são típicos das mulheres que, junto aos seus maridos, trabalham com a produção integrada de frango para corte na Zona da Mata mineira. Segundo este autor, quem cuida praticamente dessa produção são as mulheres. É comum que os galpões destinados à criação das aves sejam instalados próximos às cozinhas das casas para agilizar os dois ofícios empreendidos por ela: o trabalho doméstico e a produção de frangos. São também elas que têm maior habilidade e preocupação com as aves, sendo um comportamento desenvolvido até mesmo em função do *habitus* que percorre gerações desde a época em que criavam as galinhas caipiras nos quintais das propriedades rurais.

Quando abordada a questão sobre a responsabilidade da administração da renda da propriedade, a maioria das famílias conta com uma gestão conjunta dos recursos

financeiros (71,42%). [Azevedo \(2012\)](#) salienta que a participação das mulheres na obtenção e administração da renda é um processo importante na tomada de decisão destas mulheres como forma de empoderamento privado. [Sen \(2004\)](#) contribui ao dizer que:

Desenvolver o potencial feminino para auferir renda dentro ou fora do lar torna-se uma condição positiva que fortalece sua voz ativa e a sua condição de agente, desdobrando-se em independência e ganho de poder, corroborando para a prosperidade da família, além de tornar a mulher menos dependente de outros ([SEN, 2004](#)).

Tal situação observada pelas agricultoras da Rede Mãos à Horta pode significar uma mudança nos padrões comumente patriarcais que marcam ainda em certa medida a sociedade rural da região estudada, trazendo para a mulher papel importante nas atividades realizadas.

Quando lhes foi perguntado se possuíam alguma renda particular, 85,7% responderam que sim, renda essa obtida sob diferentes formas como: aposentadoria, alguma atividade paralela, etc. Essa renda é utilizada por estas mulheres para custos com a família (reformas na casa, eletrodomésticos, objetos para os filhos), sendo que apenas 28,5% responderam que utilizam o dinheiro para custos particulares, como viagens e estudos.

Já nas atividades ligadas diretamente ao campo, os homens são os principais responsáveis pelo plantio e colheita (representam 42,8%). [Gouveia \(2003\)](#) analisa que a agricultura familiar é herança de uma atividade basicamente feminina, vista como uma atividade vinculada aos afazeres domésticos, e que, no momento exato em que a agricultura passa a ocupar um espaço nas grandes políticas, seus protagonistas mudam de sexo.

Entretanto, [Souza \(2011\)](#) enfatiza que a resistência das mulheres no último século desdobrou-se em marchas, protestos, reivindicações e teorizações a respeito desta disposição “natural” das coisas. A autora diz ser inegável que historicamente as mulheres sempre tiveram que enfrentar a desigualdade, todavia, é tão verdade quanto o fato de que elas nunca se submeteram completamente à ela.

E é a partir dessa resistência que as mulheres rurais, de acordo com [Siliprandi \(2007\)](#), têm contribuído com a transição da agricultura convencional para modelos de produção mais ecológicos, induzindo essas mudanças, por conta de suas preocupações com a saúde da família, e com o esgotamento dos recursos naturais com os quais elas lidam diretamente.

Tabela 2. Participação na cadeia produtiva dos produtos entregues à Rede Mãos à Horta (%).

Atividades ligadas a Rede Mãos à Horta	Mulher	Total*	Homem	Total
Plantio, Colheita, Tratos culturais	42,86%	100%	57,14%	100%
Manejo criação Animal	28,57%	100%	57,14%	100%
Beneficiamento	71,42%	100%	85,71%	100%
Gestão e Venda	71,42%	100%	57,14%	100%

* Os questionários foram aplicados separadamente, podendo cada entrevistado assinalar livremente que realiza ou não dada atividade.

A Tabela 2 refere-se à participação na produção dos produtos ofertados em relação à Rede Mãos à Horta, sem considerar o geral da propriedade, já analisado anteriormente. Mais uma vez fica evidente que a mulher participa mais ativamente das atividades relacionadas à gestão e à venda para a rede, mas nota-se a importância de sua participação no beneficiamento dos produtos. Este beneficiamento leva em consideração a elaboração de produtos, como o queijo.

Nos dois modelos de entrevistas foi perguntado aos entrevistados se eles consideravam algum aspecto a ser melhorado na rede, e as mulheres se mostraram mais críticas (42,8% disseram que sim), enquanto 85,5% dos homens disseram não haver nada a ser melhorado. Apesar e o projeto Rede Mãos à Horta ter como limitação a falta de recursos financeiros para custeios e compra de materiais, a isenção masculina e a percepção feminina em relação ao que está em volta demonstra o empoderamento delas na atividade.

Segundo elas, apoio técnico, sementes, otimização da mídia utilizada para fazer vendas e encomendas, organização, aumento no número de consumidores e entrega dos produtos a domicílio são aspectos que melhorariam o funcionamento da rede.

Essas contribuições são demasiadamente importantes para fortalecer a Rede e, apesar de haver mais produtores homens, as mulheres que estão envolvidas têm demonstrado fundamental importância em ajudar sua família na transição agroecológica, buscando conhecimentos e informações sobre técnicas de produção agroecológica, de beneficiamento e notadamente da gestão e venda.

Empoderamento na dimensão ambiental

Como já dito anteriormente, existe uma ampla discussão sobre o papel da mulher no desenvolvimento rural. Existe uma teoria que defende que no modelo de desenvolvimento produtivista ela continuará a ser dominada e, se este tiver um caráter sustentável, pode haver, então, melhores condições de igualdade e emancipação da mulher (FIUZA, 2012).

[Souza \(2008a\)](#) discute isso em seu trabalho, ou seja, a autora partiu dos sentidos atribuídos à mulher e à natureza no Ecofeminismo - movimento que faz a união entre temas de ecologia e feminismo - explicando as supostas ligações existentes entre a contínua destruição da natureza e a opressão das mulheres, em contraponto a teoria de gênero, que busca trazer a associação entre mulher, natureza e procriação para o sentido social.

Mas é fato, de acordo com [Fiúza \(2012\)](#), que o atual momento é de grande ênfase na defesa de um desenvolvimento sustentável, que valoriza práticas produtivas alternativas, e que a mulher passou a ser valorizada pelas políticas públicas de desenvolvimento rural, devido às suas práticas tradicionais.

Retornando então à pesquisa, 57,1% das mulheres da Rede realizam atividades para a conservação da biodiversidade (conservação da água, dos solos, banco de sementes, reflorestamento, etc.). Entre os homens, esse percentual alcança 71,4%, evidenciando novamente que o manejo da propriedade, em relação ao trabalho no campo, é prioritariamente responsabilidade deles. Entretanto, como observamos anteriormente, a influência das mulheres nas tomadas de decisão é alta, corroborando com as autoras acima citadas.

Para [Shiva e Dankelman \(1994\)](#) o papel fundamental da mulher na agricultura vem sendo gradualmente diminuído em função da introdução de novas tecnologias agrícolas e variedades culturais, a que têm prática os agricultores homens. Elas defendem que as mulheres assumem cada vez mais o papel de trabalhadoras manuais, conforme vão perdendo o contato direto com a produção e o acesso aos recursos.

Na Rede, 71,4% das mulheres dominam as atividades agrícolas, contrapondo as autoras citadas acima. Tal resultado é condizente com o que observou [Toledo \(2012\)](#) no caso da produção integrada, em que tanto as mulheres quanto os homens são detentores das tecnologias da produção de aves. As mulheres da Rede possuem conhecimentos e vivências referentes à agricultura, mas o fato de não a praticarem nas mesmas condições que os homens têm diferentes motivos. O principal deles é a divisão do trabalho comumente observado, em que as atividades domésticas (cuidado da casa e dos filhos) e manufatureiras (beneficiamento dos alimentos) ocupam grande parte de seu tempo.

Outro aspecto importante é o que se refere ao tratamento que elas adotam no caso de enfermidades. Segundo [Conte e Fernandes \(2010\)](#), mesmo com o passar do tempo, as camponesas continuam com práticas chamadas de saúde alternativa, ligada à alimentação saudável e utilização de plantas medicinais, justamente porque é algo que está ao seu alcance, e sobre o qual, elas preservam e transmitem conhecimentos milenares.

Segundo elas, desde o passado “as mulheres e suas doenças moviam-se num território de saberes transmitidos oralmente, e o mundo vegetal estava cheio de signos das práticas que as ligavam ao quintal, à horta, às plantas” ([CONTE; FERNANDES, 2010](#)).

Entre as mulheres (85,7%) e os homens (71,4%) agricultores da rede se confirma essa relação de conhecimento e uso dessas plantas e tratamentos alternativos.

Empoderamento da dimensão política e social

Buscou-se aqui, compreender se as mulheres agricultoras deste estudo possuem conhecimento sobre políticas públicas voltadas para a agricultura familiar e se ocorre o “empoderamento coletivizado”, ou seja, se elas praticam a associatividades, relações comunitárias, etc., fomentando assim, a prática participativa.

Das entrevistadas, 71,42% desconhecem e nunca acessaram as políticas públicas como PAA, PNAE ou Pronaf; entre os homens, 42,84% desconhecem e também nunca acessaram estas políticas.

Um caso especial chama a atenção. Uma das agricultoras entrevistadas pertence a uma comunidade rural chamada Monte Alegre. A comunidade contrasta-se,

primeiramente pela diversificação da agricultura, com a produção de olerícolas, diferente da pecuária extensiva tão marcante no restante da região. Além disso, nesse local observa-se uma realidade contrastante também em relação ao resultado observado acima, pois lá existe uma das poucas associações ativas de Rio Pomba e municípios vizinhos, nessa associação, a maioria dos associados são mulheres, sendo elas que acessam as políticas públicas, PAA e PNAE, em sua maioria.

Quando abordada a questão sobre o envolvimento em atividades participativas, 42% das mulheres responderam não estar envolvidas em nenhuma atividade coletiva na comunidade. Das que participam, na maioria dos casos são atividades ligadas à Igreja.

[Bourdieu \(2003\)](#) defende que a Igreja, enquanto instituição formadora de sentido, tem papel fundamental na criação e perpetuação das identidades de gênero, pois é inegável que a influência das ideias religiosas ainda é muito forte na nossa sociedade. Para ele, o androcentrismo está impregnado nos textos tidos como sagrados, nas doutrinas, nos códigos internos, na tradição e nos cantos, isto é, no modo de exercitar as suas respectivas religiosidades.

Finalmente, o autor conclui dizendo ser instigante pensar sobre a razão ou razões pelas quais essas mulheres mantêm uma relação tão particular com a Igreja, não obstante esta mesma Igreja lhe confira um lugar secundário, ainda que ela (a mulher) seja a maioria absoluta neste tipo de instituição social e que é, especialmente pelo seu trabalho, que a Igreja se mantém no cotidiano ([BOURDIEU, 2003](#)).

CONCLUSÃO

Conclui-se que as mulheres integrantes da Rede de Prossumidores Mãos à Horta possuem certo empoderamento privado e econômico, limitado pela definição de papéis nas atividades cotidianas. Quanto ao empoderamento público, em relação às políticas públicas para o fortalecimento da agricultura familiar, a maioria das mulheres não conhecem e não acessam essas políticas. Em relação às atividades participativas que possam gerar empoderamento coletivo, a maioria das mulheres não está envolvida nelas.

SUBMETIDO EM 28 out. 2015

ACEITO EM 27 out. 2016

REFERÊNCIAS

[AZEVEDO, V. M.](#) Os desafios para o empoderamento da mulher agricultora a partir do programa de aquisição de alimentos: o caso de Barbacena-MG. 196 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Programa em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa-MG, Viçosa. 2012.

[BOURDIEU, P.](#) **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

[BOURDIEU, P.](#) **Esboço de uma teoria da prática:** precedido de três estudos sobre etnologia Cabila. Oeiras: Celta, 2002.

[BOURDIEU, P.](#) **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

BRUMER, A. Gênero e agricultura familiar: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 12, n. 1, p. 205-227, jan./ abr. 2004.

CAMARANO, A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos.** Rio de Janeiro: IPEA, 1998. p. 1-28.

CAPORAL, F. R. et al. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade.** Brasília: 2009.

CONTE, I. I.; FERNANDES, S. A. Mulheres camponesas e o acesso a políticas públicas. **Agora**, Salgueiro-PE, v. 5, n. 1, p. 81-95, ago. 2010.

FIÚZA, A. L. C. Mulher, natureza e desenvolvimento. In: FIÚZA, A. L. C.; PINTO, N. M. A. (Org.). **Mulheres em movimento: as novas facetas de gênero na sociedade contemporânea.** Visconde de Rio Branco, MG: Suprema, 2012. p. 155-194.

FRANÇA FILHO, G. C. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 155-174, jan./jun. 2007.

GOUVEIA, T. **Muito trabalho e nenhum poder marcam a vida das mulheres.** Observatório da Cidadania, 2003. Disponível em: <http://www.socialwatch.org/sites/default/files/pdf/en/panorbrasileiroa2003_bra.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PRÁ, J. R. Políticas públicas, feminismos e cidadania de gênero. In: Encontro da ABCP, 9., 2014, Brasília, DF. **Anais eletrônicos...** Brasília: Associação Brasileira de Ciência Política, 2014. Disponível em: <http://www.encontroabcp2014.cienciapolitica.org.br/resources/anais/14/1403749230_ARQUIVO_IXENCONTRODAABCP_Trabalho.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2015.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade.** 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras 2004.

SHIVA, V.; DANKELMAN, I. As mulheres e a diversidade biológica: lições do Himalaia Indiano. In: GAIFAMI, A. (Org.). **Cultivando a diversidade: recursos genéticos e segurança alimentar local.** Rio de Janeiro: AS-PTA, 1994. p. 35-40.

SILIPRANDI, E. Agroecologia, agricultura familiar e mulheres rurais. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 845-849, 2007

[SOUZA, I. P.](#) Os sentidos e representações do ecofeminismo na contemporaneidade. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 7., 2008, Londrina, PR. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

[SOUZA, T. F.; SILVA, J. C.; SOUZA, S. X.](#) A invisibilidade da mulher camponesa. In: FAZENDO GÊNERO: corpo, violência e poder, 8., Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Universidade federal de santa Catarina, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST49/Souza-Silva-Souza_49.pdf>. Acesso em: 5 maio 2011.

[SOUZA, A.](#) **A dominação masculina:** apontamentos a partir de Pierre Bourdieu. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011. Disponível em: <www.metodista.br/.../a-dominacao-masculina-apontamentos-a-partir-de-pierre-bourdieu>. Acesso em: 5 maio 2011.

[STROPASOLAS, V. L.](#) O valor (do) casamento na agricultura familiar. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 253-267, jan. /abr. 2004.

[TOLEDO, G. S.](#) **Produtores integrados na Zona da Mata mineira:** uma análise sobre as novas formas de sociabilidade rural. 2012. 218 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Programa em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa-MG, Viçosa, 2012.